

A HISTERIA NO SÉCULO XXI: ONDE ESTÁ E COMO SE MANIFESTA A HISTERIA ATUALMENTE?

ANDREGHETTO JUNIOR, Lirio Antonio ¹

LIMA, Guilherme Almeida de ²

HINO, Lucilene Zavadzki ³

DOS SANTOS, Ana Bela⁴

RESUMO

O presente artigo representa não a finalidade, mas o *continuum* de uma longa discussão sobre o fenômeno da histeria, que tem seu início enquanto psicopatologia evidentemente no início da civilização, perpassando pelos domínios da filosofia, sociologia, antropologia, medicina antiga, religião e que existe atualmente sobre os domínios da medicina moderna, da psicologia e da psicanálise. O trabalho baseado em historiografia e pesquisa bibliográfica apresenta de um modo amplo o contexto no qual surgiu a nomenclatura “histeria”, e situa o tempo-espaço no qual a designação foi expurgada. O artigo ainda explana a psicopatologia na contemporaneidade, trazendo à tona a sintomatologia histérica no século XXI, bem como seu *locus* no manual diagnóstico e estatístico dos transtornos mentais (DSM-5-TR) e no catálogo internacional de doenças (CID-11). A outrora Histeria atualmente se encontra velada sob outros transtornos e disfunções e é infelizmente negligenciada por não ter mais seu nome nos referidos manuais, levando a diagnósticos orgânicos e psicodiagnósticos equivocados, que em última análise, não possibilitam o manejo e a terapêutica que seriam mais adequados para tais pacientes. Conclui-se que a alteração da nomenclatura “histeria” não extingue sua existência, apenas camufla sua plasticidade em prol de uma correção epistemológica que se fez necessária.

Palavras-chave: Psicologia; Psiquiatria; Psicanálise; Transtornos dissociativos. Transtornos somatoformes;

¹ Email: Lirio_andreghetto@hotmail.com. Acadêmico do 10º período do curso de psicologia do Centro Universitário Campo Real.

² . Email: prof_guilhermedelima@camporeal.edu.br. Centro Universitário Campo Real. Professor orientador Mestre em filosofia, psicólogo e psicanalista.

³ Email: Lucihinopsico@gmail.com. Coautora especialista em intervenção clínica, saúde mental e testagem em avaliação psicológica.

⁴ Email: prof_anabela@camporeal.edu.br. Coautora Mestra em Desenvolvimento Comunitário (Unicentro) - Doutoranda em Educação (Unicentro), psicóloga e psicanalista.

ABSTRACT

This article represents not the end, but the continuum of a long discussion on Hysteria, which probably began as a psychopathology at the dawn of civilisation, passing through the domains of philosophy, sociology, anthropology, ancient medicine, religion and now exists in the domains of modern medicine, psychology and psychoanalysis. The essay, based on historiography and bibliographical research, broadly presents the context in which the term "hysteria" first appeared, and situates the time-space in which it was purged. The article also explores psychopathology in contemporary times, highlighting hysterical symptomatology in the 21st century, as well as its place in the diagnostic and statistical manual of mental disorders (DSM-5-TR) and in the International Classification of Diseases (ICD-11). Hysteria is actually veiled under other disorders and dysfunctions and is unfortunately neglected because it no longer has its name in the diagnostic manuals, leading to mistaken organic and psychodiagnostic diagnoses, which ultimately do not allow for the management and therapy that would be most appropriate for such patients. We conclude that changing the nomenclature "hysteria" does not extinguish its existence, but just masks its plasticity in favour of a necessary epistemological correction.

Keywords: Psychology; Psychiatry; Psychoanalysis; Dissociative disorders. Somatoform disorders;

1. INTRODUÇÃO

“A reação dos histéricos só é aparentemente exagerada; está fadada a nos parecer exagerada porque só conhecemos uma pequena parte dos motivos dos quais decorre.”

(Sigmund Freud)

O projeto ora escrito representa não a finalidade, mas o *continuum* da discussão sobre o fenômeno da histeria, que tem seu início enquanto psicopatologia evidentemente no início da civilização, perpassando pelos domínios da filosofia, sociologia, antropologia, medicina antiga, religião e que existe atualmente sobre os domínios da medicina moderna, da psicologia e da psicanálise, com o advento de Freud que se interessou pelo Tema e fundou a teoria que se chamaria psicanálise. Desta forma, a Histeria não somente é uma psicopatologia, mas a motivação pela qual surgiu a terceira corrente da psicologia. O panorama apresentado será desde a demonização dos corpos na antiguidade - onde a religião se impunha como saber soberano, até o devir de uma compreensibilidade psíquica no mundo científico.

O projeto baseado em historiografia e pesquisa bibliográfica apresenta de um modo amplo o contexto no qual surgiu a nomenclatura da psicopatologia e situa o tempo-espaço no qual ela foi expurgada em prol de atualizações nosológicas nos manuais diagnósticos que respondem à uma lógica biomédica. Pretende-se expor que a supressão da palavra - que se tornou praticamente um tabu na medicina e na psicologia cognitiva ou comportamentalista -, não significa a inexistência da psicopatologia no século XXI, tal atualização somente se deu por conta das novas percepções e conhecimentos sobre os transtornos mentais em consonância com o discurso epistemológico biomédico e da lógica de classificação que se instaurou nas ciências modernas. Serão apresentados ao leitor as novas nomenclaturas que assumiram o antigo lugar da Histeria, e como a obsoleta designação Histeria e sua sintomatologia se encontram presentes no mundo moderno.

Para conseguir entender a histeria contemporaneamente, foi necessário trazer à tona a historicidade e a sintomatologia histórica dos primórdios de sua gnose, até o século XXI, estabelecendo a sua sintomatologia em cada sociedade, a fim de entender sua roupagem e plasticidade que se adequa às normas sociais do meio em que se manifesta.

Investigar se a mudança de nomenclatura alterou a forma de tratamento da psicopatologia se tornou um objetivo ao passo que os pesquisadores notaram a

degradação da nomenclatura e conseqüentemente seu esquecimento no contexto médico-biologicista, aludindo ao fato de não mais existirem fenômenos histerogênicos. Com isto, urgiu a necessidade de expor suas novas nomenclaturas nos manuais diagnósticos e estatísticos de transtornos mentais (DSM-5-TR), e no catálogo internacional de doenças (CID-11), embora em um viés psicanalítico o lugar de “fala” da histeria nunca tenha sido olvidado.

O TCC ora apresentado se justifica por trazer à tona a história da histeria ao longo dos séculos, mostrando que a histeria ainda existe - embora não tenha mais esse nome como signo que a materializa - e o porquê a supressão da palavra histeria de forma não cautelosa, tornou-se um empecilho no tratamento e na compreensão do fenômeno histórico.

Ademais, a história se não for recontada, poderá tornar-se presente novamente, e a demonização dos corpos poderá insurgir do calvário da pseudociência. É necessário compreender a Histeria, e as mudanças nosológicas que se fizeram posteriormente, para que não haja tanta estigmatização, possibilitando o estudo da psicopatologia com a finalidade de descobrir novos métodos terapêuticos para o tratamento dos sujeitos que possuem transtornos dissociativos e conversivos, que outrora foram conhecidos como históricos, ou portadores de “pitiatismo”.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa se consagra no método dialético, enquanto pesquisa básica e possui caráter longitudinal - retrospectivo, de objetivo exploratório e natureza bibliográfica. Tem como modelo operacional a historiografia, a etimologia e a etiologia da histeria, dos primórdios da sua gnose à contemporaneidade.

Para o trabalho foram selecionados artigos do Google acadêmico de várias plataformas de artigos e periódicos, tais como *SCIELO*, *PSIC: Revista da Vetor* entre outros, além de plataformas internacionais dos quais foram selecionados 13 por sua maior relevância para o estudo. As palavras chaves utilizadas como critério foram: histeria; somatização; transtornos dissociativos; transtornos conversivos; CNEP; psicologia; psiquiatria; dissociative trance disorder; possessão; neurose; psychogenic disease.

Ademais foram utilizados livros dos autores: Sigmund Freud, Carl Sagan, Etienne Trillat, Foucault, Paulo Dalgalarrrondo, Daniela Arbex, Nellie Bly, Stacy Schiff, e Georges Canguilhem.

Tabela 1 – autores e obras que abordam a temática estudada

Autores	Obras (livros, artigos e periódicos)
SIGMUND FREUD	<ul style="list-style-type: none"> - Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos; (1886-1889) - Estudos sobre a histeria em coautoria com Josef Breuer (1893- 1895) - Freud por ele mesmo – autobiografia (1925) - O essencial da psicologia – Sigmund Freud (1856 - 1939)
ETIENNE TRILLAT	- História da histeria (1986)
MICHEL FOUCAULT	- <i>Histoire de la folie a l'âge classique</i> (1972)
PAUL RICHER	- <i>Études cliniques sur l'histéro-épilepsie où grande Hystérie</i> (1881)
JEAN MARTIN CHARCOT	- <i>Iconographie Photographique de la salpêtrière</i> (1879 – 1880)
DANIELA ARBEX	Holocausto brasileiro – Genocídio: Mais de 60 mil mortos no maior hospício do Brasil (2019)
CARL SAGAN	- O mundo assombrado pelos demônios – A ciência vista como uma vela no escuro (1995)
PAULO DALGALARRONDO	- Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais (2019)
NELLIE BLY	- Dez dias em um hospício (1887)
NIRALDO DE OLIVEIRA SANTOS	- Efeitos do tratamento psicanalítico em pacientes com CNEP – Tese doutorado (2013)

ALFREDO SIMONETTI	Manual de psicologia hospitalar – o mapa da doença (2004)
AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION	- DSM 5 - TR
ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE	- CID 11
STEFANO FERRACUTI ET AL.	- <i>Journal of personaliy assesment 1996 – Department of psychiatry and psychological medicine university of rome “la sapienza”. Artigo: “Dissociative trance disorder: clinical and rorschach finding in ten persons reporting demon possession and treated by exorcism”.</i>
PAULO JACOMO NEGRO JUNIOR ET AL. (SCIELO)	- Artigo - dissociação e transtornos dissociativos: modelos teóricos (1999)
SONIA LEITE (PEPSIC)	- Artigo: histeria de conversão: algumas questões sobre o corpo na psicanálise (2012)
THIAGO PAES DE BARROS LUCIA & DIANNA PAES DE BARROS LUCIA	- Revista brasileira de educação médica 2011. artigo: o atendimento da crise psicogênica nos prontos-socorros
LAZSLO ANTONIO ÁVILA & JOÃO RICARDO TERRA	- Jornal brasileiro de psiquiatria 59, 333- 340, 2010 (SciELO) Artigo: Histeria e somatização: o quê mudou?
JOSÉ GALUCCI NETO & RENATO LUIZ MARCHETTI	- Artigo publicado no site medicinanet (2009): histeria, somatização, conversão e dissociação
GIOVANI BELINTANI	- Artigo publicado na revista psic, editora vetor (2003): histeria
ANA PAULA REZZO PIRES REINERT ET AL.	- Revista psicologia em pesquisa 10 (2016): Transtornos somatoformes (manifestações histéricas) em mulheres atendidas em hospital psiquiátrico de São Luís, maranhão.

MAYARA DOMBROSKI MENDES	- Artigo: da histeria clássica à contemporânea
STELLA HADDAD	Pontifícia universidade católica de São Paulo Artigo: Onde está a histeria?

3. A HISTERIA NA ANTIGUIDADE

A Histeria, é a manifestação psicopatológica mais antiga já conhecida, tendo o nascimento de sua nomenclatura na Grécia antiga, com Hipócrates e Platão. Embora tão antigo seja seu surgimento, ainda é um enigma para quem a estuda, e mais do que respostas, a cada passo, surgem mais indagações. Para tentar expor um pouco sobre tal psicopatologia, faz-se necessário um retorno ao antigo Egito – cerca de 2.000 anos AC - onde surgem os primeiros relatos de tais manifestações, e posteriormente à Grécia antiga, onde regressaram as crenças milenares com o aval de Hipócrates – IV AC - que cunhou sua nomenclatura, em prol de uma medicina que se consagraria um saber científico muitos séculos mais tarde. (TRILLAT, 1986)

No antigo Egito, e posteriormente na Grécia antiga, acreditava-se que a histeria era um fenômeno puramente feminino, e que em certas ocasiões, como por exemplo na privação de sexo, o útero seria capaz de se revoltar e sufocar as mulheres:

[...] a ideia segundo a qual o útero é um organismo vivo análogo a um animal dotado de uma certa autonomia e de uma possibilidade de deslocamento remonta, com efeito, à mais alta antiguidade, cerca de 2000 anos a.C. No antigo Egito, numerosas perturbações eram atribuídas às migrações do útero para a parte superior do corpo e procurava-se fazer descer novamente esse estranho animal, atraindo-o para baixo através de agradáveis odores aplicados sobre a vulva e repelindo-o pela inalação de odores desagradáveis. Nós encontraremos durante toda a antiguidade esse esquema terapêutico de “sufocação da matriz”, sufocação que se tornará a histeria. (TRILLAT, 1986/1991, p.17, grifo do autor)

A natureza histerogênica comportava apenas uma explicação rasa sobre o quê desencadeava o sintoma, para Hipócrates, o fenômeno era puramente fisiológico e não comportava nada de psicogênico, afinal, apenas séculos mais tarde, começariam os estudos sobre as patologias psicogênicas, e as somatizações das quais sucumbiam os seres humanos, que desprovidos de uma significação para uma dor psíquica, e sem espaço para a ab-reação, encontravam no corpo a forma de expressão de uma dor que pela linguagem deveria se esvaír. O corpo denuncia o

mal-estar, fala mais sobre os sujeitos do que a linguagem falada permite expressar, pois muitas vezes, não há palavra plausível/existente/empregável, que enuncie algo que ocorre no psiquismo. (FREUD 1925, 1886/1996; FREUD & BREUER 1893 - 1895/2016; SAUSSURE 1857 – 1913/ 2006)

Desta forma, Hipócrates teoriza que:

Esta afecção sobrevém sobretudo às mulheres que não tem relações sexuais e às mulheres de uma certa idade, mais do que às jovens; com efeito, sua matriz é mais leve. Eis como isso ocorre: a mulher, tendo os vasos mais vazios que de costume e estando mais cansada, a matriz ressecada pela fadiga se desloca, visto que ela esta vazia e leve; a vacuidade do ventre faz com que haja lugar para que ela se desloque. Estando deslocada, ela se joga sobre o fígado, adere a ele e se dirige para os hipocôndrios. Com efeito, ela corre e vai para o alto em direção ao fluído, visto que ela foi demasiado ressecada pela fadiga. Ora, o fígado está cheio de fluído. Quando ela se joga sobre o fígado, ela causa uma sufocação súbita, interceptando a via respiratória que está no ventre. Por vezes, ao mesmo tempo que a matriz começa a se jogar sobre o fígado, desce Fleuma da Cabeça para os hipocôndrios, dado que a mulher está sufocada; e por vezes, com essa descida do fleuma (ou pituíta, humor frio), a matriz deixa o fígado, retorna a seu lugar e a sufocação cessa... Quando a matriz está no fígado e nos hipocôndrios e produz a sufocação, o branco dos olhos revira, a mulher fica fria e mesmo, por vezes lívida. Ela range os dentes, a saliva afluí à boca, e ela se assemelha aos epiléticos. Se a matriz fica muito tempo fixada no fígado e nos hipocôndrios, a mulher sucumbe, asfixiada. (HIPÓCRATES. *Oeuvres complètes*, trad. E. Littré, Paris, Baillière, 1839-1881, 10 vol; pp. 33-34, apud TRILLAT 1986/1991, pp. 19-20)

A partir do exposto, embora raso em relação a toda a história, já se torna possível aludir a nomenclatura “Histeria”. A palavra “Histeria”, enquanto patologia, surge na Grécia Antiga com Hipócrates, que acreditava que as neuroses advinham de disfunções do aparelho sexual feminino – fazendo um retorno às crenças milenares do Antigo Egito. Etimologicamente a palavra histeria vem do grego ὑστέρα [transcrito Hystéra, Histeron ou Hyster] significando matriz/útero. (FREUD, 1886; LEITE, 2012)

A caça às bruxas obtém seu modelo com a publicação, em 1487, do *Malleus Maleficarum*, ou “Martelo das Bruxas”, obra do inquisidor da diocese de Colônia, de Mayenne e de Trèves, Jacob Sprenger, e de seu adjunto Heinrich Kramer. Com a autorização do Papa Inocêncio VIII e o apoio de Maximiliano I, o *Malleus* vai tornar-se o manual oficial da inquisição, verdadeiro pequeno tratado de psicopatologia sexual, senão de pornografia. Ele vai servir de guia para a identificação da bruxa. (TRILLAT, 1986)

É necessário comentar que ao longo da História – e principalmente na Idade Média – as Histéricas eram lançadas à fogueira, ou exorcizadas, pois nelas se depositava o estigma daquilo que é demoníaco, muitas vezes eram denominadas bruxas. Uns dos responsáveis pelas mortes em massa foram os idealizadores do “*Malleus maleficarum*”, o martelo das bruxas: um manual criado com o apoio da Igreja

católica, que ajudava a identificar, interrogar, punir, expurgar e matar os acusados de bruxaria, dando início à um verdadeiro holocausto, bem aos olhos da população, que se divertia enquanto as ditas bruxas eram queimadas em praça pública. No entanto, vale ressaltar que a caça não era às históricas, mas sim às bruxas, que supostamente compartilhavam dos mesmos “sintomas” que aquelas cujas quais se acusou de bruxaria.

Esses abutres sedentos de sangue maltrataram da maneira mais cruel pobres mulheres do campo, que, acusadas de malefício e de sortilégio, ou denunciadas como bruxas, freqüentemente sem nenhuma decisão jurídica prévia, são por eles submetidas a torturas atroz e abomináveis, onde eles as mantêm até que, tendo-lhes extorquido confissões inconscientes, tenham aí com quê condená-las. Eles não crêem agir verdadeiramente como inquisidores e não interrompem a tarefa senão quando a desgraça submetida à inquisição foi queimada ou pôde molhar-lhes a mão, no qual caso têm piedade dela, achando-a suficientemente purificada por seus tormentos, e a mandam de volta absolvida, pois não é raro que o inquisidor comute as penas, de corporais as transforme em pecuniárias, o que para ele é uma fonte bastante abundante de lucro. Dentre essas desgraçadas há aquelas de quem eles tiram uma taxa anual, que elas são forçadas a pagar-lhes para não se verem de novo arrastadas diante da Inquisição. Além disso, os bens das heréticas sendo confiscados em benefício do fisco, uma parte bastante grande fica para o inquisidor. (Cornelius Agrippa, 1530 apud TRILLAT, 1986.)

Ao longo dos anos, porém, da disputa entre a Igreja e a Ciência pela “posse” da Histeria, em suma, venceu o saber médico. Ainda assim, as Históricas [e os históricos] somente tiveram voz com o advento de Charcot, em Salpêtrière – um hospital Geral localizado às margens do Rio Sena em Paris, na França -, que se dispôs a estudar o que muitas vezes era considerada simulação e exagero pela sociedade Médica. Por este e muitos outros motivos, o estudo da histeria atualmente se faz muito relevante, para que a história, não se torne presente em uma ascensão da pseudociência na pós-contemporaneidade. (FREUD, 1886; BREUER & FREUD, 1893/1895; FARIAS, 1993; SAGAN, 1995)

4. A CIÊNCIA NO DOMÍNIO: A ASCENSÃO DE FREUD

A Histeria tornou-se um campo de pesquisa e investigação, principalmente em *Salpêtrière*, onde Jean Martin Charcot, um médico que se interessava no fenômeno histórico, induzia os sujeitos que desta patologia padeciam, a um estado hipnótico, e através deste estado alterado de consciência ele conseguia eliminar ou inserir sintomas como paralisias, afasias, cegueira, anestésias e tantos outros sintomas. (FREUD, 1886)

Em 1856 nasce Sigmund Freud, em *Freiburg* (Morávia), um futuro médico que se estabeleceria em Viena na Áustria, e se interessaria por estudar neurologia. Como o nome de Charcot resplandecia ao longe, Freud fora atraído à *Salpêtrière*, onde com Charcot, estudara a histeria e toda sua magnificência, se tornando até mesmo tradutor alemão das conferências do Grande mestre que supostamente dominava o fenômeno histórico. Ao lado de Charcot, Freud constatou também a aparição da histeria em sujeitos masculinos, algo que colocaria em prova uma estória milenar – que a histeria era um fenômeno tipicamente feminino.

Ao retornar à Viena, Freud sentiu-se tentado a expor à “sociedade dos médicos” aquilo que aprendera em *Salpêtrière*, principalmente sobre sujeitos homens históricos. Entretanto, sua exposição foi rechaçada, e mesmo ante a evidência de um caso de hemianestesia histórica em um sujeito masculino, Freud não obteve crédito algum, muito pelo contrário, aos poucos foi-lhe imposto a impossibilidade de continuar seus trabalhos de pesquisador no laboratório de anatomia cerebral da universidade de Viena. (FREUD 1925 apud CLARET 2004)

Um velho cirurgião exclamou ao ouvir-me: “mas, como pode V. Sa. Sustentar tamanhos disparates? Hysteron (sic) quer dizer “útero”. Como pode, portanto, um homem ser histórico? [...] finalmente encontrei, fora do hospital, um caso clássico de hemianestesia histórica num sujeito masculino e pude apresentá-lo e demonstrá-lo ante a “sociedade dos médicos”. Desta vez, tiveram de se render ante a evidência, mas depois se desinteressaram da questão. (FREUD, 1925/2004 p.25)

Felizmente, Freud conhecera o doutor Josef Breuer, um médico muito querido em Viena, e que relatara um caso de histeria, no qual ele houvera obtido grande êxito terapêutico, Freud sentira resplandecer o desejo pela investigação, estudo e tratamento das doenças nervosas, em especial, a histeria. Juntos, Breuer e Freud publicariam mais tarde a obra “estudos sobre a histeria” sob a visão daquilo que se consagraria um campo de estudo e prática, uma teoria denominada psicanálise, uma das correntes teóricas da psicologia moderna. Ora não é exagero dizer que a psicanálise deve sua origem ao estudo dos fenômenos históricos. (FREUD, 1925/2004)

Em estudos sobre a histeria Freud teoriza que o quê se converte em dor corporal é aquilo que poderia e aplicar-se-ia normalmente como dor psíquica, que quando somatizada se extingue da consciência. Este “o quê” corresponde a traumas que não foram suficientemente ab-reagidos, ou porque não puderam, ou pelo estado psíquico do sujeito, o sintoma histórico surge em sintonia com a atuação da repressão (mecanismo de defesa egóico), de modo que o corpo fala aquilo que não foi dito. Desta forma, encontrando um significado, e conseqüentemente, um significante para a

expressão deste “o quê” o paciente poderia reviver tal experiência, dando um novo rumo [por meio da linguagem] ao afeto repreendido, resultando naquilo que foi chamado de método catártico. (FREUD 1925, 1886/1996; FREUD & BREUER, 1893-1895/2016 apud ANDREGHETTO, 2021)

Ao longo de sua carreira enquanto pesquisador, neurologista e psicanalista, Freud escreveu muitos artigos e livros, que perpassam todos que se aventuram a estudar a psicologia e/ou a psicanálise. Elencou inúmeros sintomas que compõem o corpo histérico, e trouxe à tona uma plasticidade que torna a histeria uma patologia que se adequa ao tempo-espaço-sociedade.

Em *Salpêtrière*, os histéricos tinham como roupagem toda a sintomatologia dos epiléticos, visto que ficavam na mesma ala destes. Na pós contemporaneidade, o fenômeno histérico surge com uma nova roupagem, confundindo médicos e psicólogos no estabelecimento de um diagnóstico. A saber, Freud relata mais de 35 sintomas distribuídos entre os seus pacientes, entre eles: Convulsões não epiléticas psicogênicas (CNEP), movimentos em atetose, tiques, perturbações: olfativas, auditivas, cinestésicas, visuais; dissociação de consciência etc. (FREUD 1925, 1886-99/1996; FREUD & BREUER, 1893-1895/2016)

5. ABOLIÇÃO DA NOMENCLATURA “HISTERIA”

A partir das atualizações nosológicas no que tange ao DSM e ao CID, atualmente não mais se encontra a psicopatologia “Histeria”, a sintomatologia de tal patologia foi desagregada segundo um modelo Cartesiano, onde manifestação somática não mais tem ligação com manifestação psíquica, a Histeria encontra-se de forma fragmentada em diferentes subclassificações.

No passado, de uma forma ou de outra, todos os transtornos dissociativos e conversivos tendiam a ser agrupados no grande capítulo da histeria ou neurose histérica. [...] Subdividiam-se os quadros histéricos em três grandes subgrupos: histeria de conversão ou conversiva (que corresponde ao atual transtorno conversivo no DSM-5), histeria dissociativa (que corresponde ao atual, “transtorno dissociativo”) e forma mista de histeria (com conversão e dissociação). (DALGALARRONDO, 2019, p.370, grifo do autor)

Entretanto, a alteração mais inadequada foi justamente o desmembramento da histeria segundo uma lógica “cartesiana”, dissociando o conteúdo somático do psíquico, antepondo-se à máxima de mente e corpo serem pertencentes um ao outro. (DALGALARRONDO, 2019; LEITE 2012)

Com as alterações nosológicas, a Histeria se desmembrou de tal maneira:

Os transtornos conversivos e os dissociativos são denominados e agrupados de forma diferente no DSM-5 e na CID-11. No DSM-5, eles são separados e situados em dois capítulos diferentes: o de transtornos dissociativos de um lado, e o de transtornos de sintomas somáticos, de outro, estando neste último, alojados os transtornos conversivos. A CID-11 coloca todos os transtornos conversivos e dissociativos em um capítulo único, denominado “transtornos dissociativos”. (DALGALARRONDO, 2019, p.371, grifo nosso)

É perceptível que a partir da alteração nosológica, quase findou-se o estudo e tratamento da Histeria. A histeria em modo resoluto – embora não simplista - é uma psicopatologia que se autentica por meio da simbologia e da linguagem.

Ela imita quase todas as doenças que ocorrem no gênero humano, pois em qualquer parte do corpo em que ela se encontre, ela produz imediatamente os sintomas que são próprios dessa parte; e se o médico não tem muita sagacidade e experiência, ele se enganará facilmente e atribuirá a uma doença essencial e própria a tal ou qual parte sintomas que dependem unicamente da afecção histérica. (TRILLAT, 1986)

Sobre a etiologia dos sintomas que outrora pertenciam à histeria, às vezes, podem surgir numa dificuldade do sujeito em simbolizar, noutras podem se apoiar sobre o ganho secundário, que o sujeito pode saber que há, ou que conscientemente não pode ser compreendido. Desta forma, deve haver alguma “quebra” na cadeia de significantes, de modo que o sujeito pede ajuda, desta forma tão peculiar, mas que denunciam sem dúvida um mal-estar. Talvez o segredo da Histeria, se localize no terreno fértil do ganho secundário e no exagero da simbolização em detrimento de uma significação assertiva através da linguagem, onde se troca o não dito ou o “mal-dito” pela aquisição de um sintoma, exagero, e às vezes simulacro.

Além de situar a histeria no espaço-tempo da pós-modernidade, o projeto ainda hipotetizou que com as atualizações dos manuais diagnósticos, a compreensão do fenômeno histórico foi prejudicada, visto que nos atuais manuais, as sintomatologias foram desmembradas, e sendo a histeria uma psicopatologia que se consagra através de simbologias e linguagem, ela sucumbiu novamente ao desconhecimento.

A antiga Histeria atualmente se encontra velada sob outros sintomas, transtornos e disfunções e é infelizmente negligenciada por não ter mais seu nome nos manuais diagnósticos, levando a diagnósticos orgânicos e psicodiagnósticos equivocados, que em última análise, não possibilitam o manejo e a terapêutica que seriam mais adequados para tais pacientes. A mudança de nomenclatura muito provavelmente teria sido mais eficaz se houvesse uma nota explicativa nos manuais diagnósticos, enunciando que a supressão da palavra não significaria a extinção do fenômeno, apenas uma correção epistemológica a partir dos novos saberes.

6. CONCLUSÕES

Certamente ao longo do tempo, o conceito de histeria foi com razão questionado, tendo em vista a motivação para cunhar tal nomenclatura na antiguidade. Os avanços nos campos da neurologia, psiquiatria e psicologia levaram à uma melhor compreensão acerca do fenômeno “histérico”, e dos transtornos mentais em geral. A histeria enquanto nomenclatura diagnóstica foi gradualmente abandonada e substituída por outros termos e classificações, como transtornos dissociativos e conversivos. O equívoco que urge, é a separação segundo uma lógica cartesiana, onde dissociou-se a mente e o corpo, ao separar a outrora histeria em dois grupos distintos, de um lado o dos transtornos dissociativos, doutro, dos transtornos conversivos. Ademais, nota-se que as atuais nomenclaturas respondem somente à lógica biomédica, ignorando-se o saber psicanalítico, humanista e fenomenológico.

Atualmente, a histeria é considerada uma nomenclatura obsoleta no campo da saúde mental, no entanto, o fato de ser uma nomenclatura que não mais está sendo empregada, não anula a existência do fenômeno. O estudo de sua história permite um melhor entendimento acerca da evolução do conhecimento e das abordagens na saúde mental, permitindo também que velhas condutas erráticas não sejam retomadas, visando assim, uma reconstrução da história da histeria, mostrando seu início e fim, não enquanto sintoma, mas enquanto nomenclatura, pois o sintoma persiste e persistirá ao longo dos séculos, alterando-se apenas o signo linguístico que o denomina.

7. REFERÊNCIAS

- ANDREGHETTO JUNIOR, Lirio Antonio; **A HISTERIA NA CONTEMPORANEIDADE: UM FENÔMENO AINDA PRESENTE E HODIERNAMENTE NEGLIGENCIADO**; CADERNO DE RESUMOS XIV Encontro de Iniciação Científica 2021. pp. 398-402. CENTRO UNIVERSITÁRIO CAMPO REAL. Disponível em: <https://guarapuava.camporeal.edu.br/content/uploads/2022/06/ANAIS-XIV-IC-CAMPO-REAL-2021.pdf> acesso em:19/10/2022
- CLARET, Martin. **Freud por ele mesmo**. São Paulo: Martin Claret, 2004. 200 p.
- DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais** – 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019. 520 p.
- FARIAS, Francisco R. de; **Histeria e psicanálise: o discurso histérico e o desejo de Freud**. [prefácio de Carlos Eduardo Leal Vianna Soares]. Rio de Janeiro: RevinteR ,1993. 179 p.
- FINK, Bruce; **Fundamentos da técnica psicanalítica: uma abordagem lacaniana para praticantes** Bruce Fink ; tradução de Carolina Luchetta, Beatriz Aratangy Berger. - São Paulo : Blucher ; Karnac, 2017. 504 p.
- FONTELLES, Mauro José et al; **METODOLOGIA DA PESQUISA CIENTÍFICA: DIRETRIZES PARA A ELABORAÇÃO DE UM PROTOCOLO DE PESQUISA**. 2009. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-588477> acesso em 19/09/2022
- FREUD, Sigmund; BREUER, Josef; **Estudos sobre a histeria**. São Paulo: Companhia das Letras. Volume 2. 2016. 448 p.
- FREUD, Sigmund. **Publicações pré psicanalíticas e esboços inéditos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume I).
- LEITE, Sonia. **Histeria de conversão: algumas questões sobre o corpo na psicanálise**. Tempo psicanal., Rio de Janeiro , v. 44, n. 1, p. 83-102, jun. 2012 . Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382012000100006&lng=pt&nrm=iso. acesso em 15 setembro 2022
- SAGAN, Carl. **O mundo assombrado pelos demônios**: a ciência vista como uma vela no fim do túnel. São Paulo; Ed. Companhia de Bolso; 2020. 509 p.